

Happy Hour

André de Freitas Sobrinho

Noite de copos e corpos suados se percebendo sob a luz de meia lua no céu de anunciada tempestade veraneia sacodem a poeira acumulada trocando olhares farpados. Um chope preto encorpado acompanhado de calabresa e aipim frito: o pedido feito. Olhos coçam um charme forçado, e as mãos no cabelo mais o caimento com as costas quase deitadas na cadeira fazem parte do relaxamento retesado.

Vê delicatêssen insinuambulando mesa a mesa fartenfadada pernamovendo nuvenavegando por órbitas carentes. Descrente dente a dente perpassa a língua roxa *al dente* em lábio embaixo fino, enquanto o pau pula duro roça-coçando o zíper do jeans apertado pela mão sufoco sudorese, que momento outro acena um “vem cá” e o garçom se aproxima. Torpedeia tremelicando guardanapo rabiscado elogio ilegível e um: “quanto é?”...aguarda de guarda e guarda a saliva na glote antes que babengula ou bebacuspe.

Ela toda unhas grandes pelo papel – – passeando os dedos no decote – – sugere um sim sob a luz amarela e quente da estilosa bodega. Preparado para o decoro das relações informais do livre mercado das intenções de duvidoso gosto, arruma a cara e seleciona uma boa fábula pra não ter de enredar nenhuma chicana. Vem e ele levanta-puxa-empurra a cadeira mostrando-se gentil. Aceitando a gentileza, ela debruça o busto – – apoiada em cotovelos – – e fala estilo brisa bem perto da orelha. Levanta-se sozinha, recaminha até próximo ao balcão com uma gargalhada estrepitosa e beija o copeiro na boca

Mais um chope preto ele pede, levanta-se e paga com o dinheiro do engano em mais um começo de noite na semana.